

## MILTON SANTOS EM BRASÍLIA: PRESENÇA NO ENSINO E NA PESQUISA(1)

PAVIANI, Aldo \*

Com o título “Brasília em Milton Santos”, resgatamos, em outro trabalho(2), as análises e preocupações deste grande geógrafo com a Capital brasileira. Não foi um levantamento exaustivo por limitações de espaço e, por isto, novo levantamento se impôs para avaliar como, entre os geógrafos de Brasília, as diversas obras, conferências e artigos de Milton Santos inspiraram e deram bases para fundamentar conceitos, teorizações e conhecimentos concretos para diversos pesquisadores, sobretudo na Universidade de Brasília.

Este trabalho, portanto, se constitui em uma segunda homenagem a Milton Santos, como decorrência da primeira, que se realizou em outubro de 1996, na USP. Este geógrafo tem sido fonte de inspiração para geógrafos e não-geógrafos no Brasil e no exterior. A inspiração provém de seus muitos livros e artigos, bem como da presença física de Milton Santos em muitos congressos e seminários realizados em Brasília, sendo este tópico extraído da experiência vivida proximamente pelo autor. Assim, em 1980, por ocasião da V Semana de Geografia, na UnB, proferiu a conferência de abertura, sobre “os dois circuitos da economia urbana”, de sua importante obra *Espaço Dividido*, que havia sido traduzida no Brasil em 1979. Em conferência proferida para professores e estudantes do Departamento de Economia da UnB, em 21 de maio de 1981, Milton Santos teoriza sobre as instâncias política, econômica, ideológica e espacial. Por convite do Ministério da Educação, Milton Santos, participou ativamente da Comissão de Avaliação da Geografia, nos anos 1982/83. Santos participou dos longos debates havidos para indicar rumos para o ensino da Geografia no Brasil.

O Núcleo de Estudos Urbanos e Regionais da Universidade, em junho de 1988, realizou o 1º Seminário A Questão Epistemológica da Pesquisa. Os trabalhos foram publicados nos Cadernos do CEAM/NEUR, com artigo de Santos. Em junho de 1993, quando presidia a ANPUR, Milton Santos proferiu conferência no Seminário sobre Planejamento Urbano e Regional - Novos Horizontes, organizado pelo NEUR. Em sua conferência no 1º Seminário sobre as Humanidades no Limiar do Século XXI, realizado em junho de 1996, no Instituto de Ciências Humanas da UnB. Logicamente, esta é uma parte da grande contribuição de Milton Santos. Neste trabalho avaliamos também as referências feitas por pesquisadores de Brasília a obra de Santos. Como se verá, não se trata de trabalho acabado, mas uma amostra de quanto o grande geógrafo brasileiro tem inspirado o ensino e a produção científica em nosso contexto.

### A urbanização em Brasília e os aportes de Milton Santos

Torna-se difícil resgatar o quanto Milton Santos tem inspirado os trabalhos na área acadêmica (sobretudo na Universidade de Brasília). Todavia, sem ser exaustivo, avalia-se que sua presença é marcante em livros, teses/dissertações, artigos e relatórios de geógrafos pesquisadores/docentes e mesmo estudantes da UnB, que se ocupam de

---

\* Professor do Departamento de Geografia e Diretor do Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Distrito Federal, Brasil.

problemas ou da urbanização, regionalização ou enfoques teórico-metodológicos apoiados na obra e no pensamento de Milton Santos. Tenta-se, a título de exemplificação, destacar alguns destes trabalhos, sem dar seqüência temporal, mas levando-se em conta o acervo disponível.

#### Referências em livros, coletâneas e anais

A citação e/ou uso de reflexões de Milton Santos por autores que tratam de Brasília é tarefa desafiadora porque é alentada a produção de obras no Brasil e no exterior que teorizam ou empiricizam com a temática urbana/rural do Distrito Federal. Em razão de ser difícil abarcar a totalidade do que se tem publicado, citando Milton Santos, optou-se por trabalhar apenas com algumas destas publicações (disponíveis na Universidade de Brasília). Portanto, adverte-se sobre a possibilidade de terem ocorrido omissões involuntárias de obras inacessíveis ou em trabalhos editados em idiomas que não se dominam (como, por exemplo, o Japonês). Por isto, foram selecionados referências a título de exemplo, como se verá abaixo.

Ao menos em duas passagens da obra A Capital da Geopolítica(3), pode-se encontrar referências a trabalhos de Milton Santos sobre Brasília: a) na Introdução, quando Vesentini trata da interiorização da Capital e da “Cidade ‘artificial’” e b) quando se refere às correntes do pensamento no tópico “Geografia crítica e construção do espaço”. Neste ponto, Vesentini constrói sua base teórica com uma crítica à “geografia ‘nova’”, referindo que “está se reproduzindo o mesmo procedimento da criticada geografia tradicional: a ênfase no objeto... e a aceitação acrítica da divisão acadêmica do conhecimento”. Neste aspecto, Milton Santos é referido quando trata da definição do objeto da Geografia (o espaço social) e do “atraso no campo teórico-metodológico... com responsabilidade pelo seu isolamento” (extraído por Vesentini da obra Por uma Geografia Nova)

Na coletânea Brasília, Ideologia e Realidade(4), Ignez C. B. Ferreira trata de “Brasília e o processo de urbanização brasileiro, apoiando-se teoricamente nas obras de Santos A Urbanização Desigual (1980) e Ensaio sobre a Urbanização Latino-Americana (1982). Inicialmente a autora refere o processo de urbanização e o papel das cidades como “pontos de saída de produtos de exportação recolhidos do interior e locais de entrada de mercadorias importadas”. Neste ponto é citado também o fato de que “neste caso a cidade é muito mais o local de passagem dos homens, de mercadorias e dos capitais do que o lugar de produção (...) isto porque seria apenas o instrumento de penetração e de levantamento das riquezas”. Tudo no contexto da construção histórica do processo de urbanização, que antecede a análise realizada pela autora sobre a construção e implantação de Brasília. Nesta mesma coletânea, Paviani, ao analisar “A metrópole terciária”, destaca, na página de rosto, a afirmativa de Milton Santos sobre ser Brasília, “ao mesmo tempo, uma capital política e um canteiro de construção...”, da obra A Cidade nos Países Subdesenvolvidos (1965). Mais adiante, Paviani ao tratar do “padrão centralizado de oportunidades de trabalho...”, refere a grande obra de M. Santos O Espaço Dividido (1979) que enfatiza o “processo de ‘seletividade espacial’, econômica e social”, perfeitamente aplicável ao caso da Capital federal.

O Espaço Dividido também serviu de base para que Leonor Bertone abordasse a inclusão da periferia de Brasília no mercado metropolitano. Tratando do comércio varejista no Novo Gama, Pedregal e Cidade Ocidental, na periferia goiana, a autora destaca que “a publicidade, para efeitos de penetração no mercado, vê-se que esta se

enquadra dentro da caracterização do circuito moderno da economia urbana onde, publicidade é indispensável e é uma das armas utilizadas para modificar os gostos e deformar o perfil da demanda (Santos, 1979)”(5).

Ao reunir alguns “ensaios sobre urbanização”, em Brasília - A Metrópole em Crise (6) , Paviani se socorre das teorizações de Milton Santos em diversas passagens. Assim, são referidas suas obras Pobreza Urbana e O Espaço Dividido, sobretudo ao tratar da “seletividade espacial ou espaço dividido (...), que gera injustiça social nas cidades” e “das forças que Milton Santos denomina *circuito superior*, detêm o capital, a organização do poder político e as decisões, sendo sua meta alcançar vantagens sempre mais elevadas e concentrar seu domínio em cada uma destas instâncias”. O autor ainda refere Milton Santos ao abordar a questão das “metrópoles incompletas” (categoria na qual incluímos Brasília) e “metrópoles completas”, definidas em O Espaço Dividido. Refere, ainda, uma exposição no Simpósio **A Metrópole e a Crise**(7) na qual Milton Santos teorizou sobre a “dissolução” da metrópole. Em uma outra coletânea(8), Paviani trata da “construção injusta do espaço urbano em Brasília”, ressaltando, com Milton Santos, aspectos da segregação e da sonegação a direitos trabalhistas e mesmo a supressão de postos de trabalho, quando surge o “cidadão mutilado”, categoria descrita e teorizada por Santos em O Espaço do Cidadão (1987). Ainda a respeito dos direitos do cidadão, Paviani indaga como equacionar a distribuição e acesso à escola, à saúde, a todas as infra-estruturas para “cidadãos mutilados”?(9) (tal como refere Santos na obra referida acima).

Ao pesquisar a respeito inovações tecnológicas e novos espaços da produção, Ignez C. B. Ferreira(10) trabalho a questão do período técnico-científico, referindo o artigo homônimo de Milton Santos, publicado na Revista Espaço e Debates, n.º 25, de 1988. Ferreira, avalia o panorama geral em que um subsistema hegemônico se instala sobre os subsistemas preexistentes enquadrando-os em sua dinâmica e ligando-os à modernidade global, e o papel da ciência e da técnica neste processo. Daí, na mesma linha de Santos: “as especializações territoriais para se efetivarem necessitam do conhecimento sobre as potencialidades do território a fim de permitir a otimização dos capitais investidos”. Adiante, sugere que “a especialização do território, a circulação e a divisão de trabalho se retroalimentam. (...) Os capitais, o trabalho e as classes sociais se redistribuem no espaço em função destes circuitos (espaciais de produção e de cooperação) e dos pontos de convergência dos mesmos. O trabalho intelectual deixa de se concentrar em algumas regiões para localizar-se em diversos pontos do território onde a modernização o tornou necessário”, conclui com base em Santos.

Paviani e Pires, tratando do ‘comando externo’ de territórios, socorrem-se em Milton Santos para sustentar a tese do surgimento de novas configurações espaciais e novos mapas, pois “há uma tendência ao aceleração do ‘comando externo da economia, dominada por considerações que não interessam à formação econômica e social para o seu desenvolvimento autônomo’ (...) daí, territórios atrelados a empréstimos externos ou à gestão dos recursos vinculados a esses mesmos empréstimos...”(11).

Ignez C. B. Ferreira, ao trabalhar teórica e empiricamente a formulação de Santos sobre o “período técnico-científico”, fornece elementos para a compreensão da organização do espaço à luz da referida teorização, incluindo questões referentes as relações nela embutidas e a respeito da implicação que a estrutura da sociedade traz à organização social e, logicamente, à organização do espaço. Faz uma análise crítica do desenvolvimento tecnológico sob o primado da eficiência e da produtividade. Citando

Milton Santos, conclui Ferreira: “nas condições atuais do mundo, ainda mais do que na era precedente o espaço está chamado a desempenhar um papel determinante na escravidão ou libertação do homem”(12).

Ao teorizar sobre a lógica da periferização em áreas metropolitanas, Paviani se apoia na teorização de Milton Santos sobre a “nova urbanização”, na qual se insere a “metrópole onipresente”, a qual é capaz de “desorganizar e reorganizar, ao seu talante em seu proveito, as atividades periféricas e impondo novas questões para o processo de desenvolvimento regional”(13). Nesta teorização, foram incluídos os aportes de Santos quando se reporta às transformações sócio-espaciais que se impõe à urbanização no “período técnico-científico”, quando ciência e técnica se agregam ao processo produtivo, impactando diferentemente o meio urbano, de acordo com sua dimensão, e, sobretudo, com os formatos que assumem as gestões dos respectivos territórios. Estas gestões, com orçamentos desgastados, não têm condições de ofertar infra-estruturas básicas para a cidade inteira, daí, quase sempre, acabam por privilegiar as classes médias e altas em detrimento das periferias mais pobres(14). Ainda sob os aspectos de gestão, especificamente no caso do planejamento urbano, Milton Santos é objeto de enriquecimento das reflexões em conferência pronunciada em Salvador por Paviani(15). Nela, considera, apoiado em Santos que a globalização afeta a urbanização, gerando crises de governabilidade, problemas sócio-econômicos, fragmentação de territórios, dissolução dos entornos metropolitanos, mundialização do espaço geográfico, com “a transformação dos territórios nacionais em espaços nacionais da economia internacional”. Por isto, os espaços urbanos se fragmentam para as diversas funções. Segregam-se os urbanitas, num processo de apartação sócio-espacial, que Cristóvam Buarque e Milton Santos têm acentuado em suas obras e conferências. “Milton Santos, na conferência de encerramento do II Encontro de Geógrafos da América Latina, em 1989, lá em Montevidéu, comparou Salvador a Brasília, tão assemelhadas são suas estruturas sócio-espaciais, embora possuindo, ambas, processos evolutivos distintos ao longo da nossa história urbana”(16).

Durante o I Encontro de Geógrafos da América Latina, realizado em abril de 1987, em Águas de São Pedro (SP), Paviani, apresentou trabalho sobre periferização e pobreza urbana, remetendo a fundamentação teórica de pobreza ao livro de Milton Santos *Pobreza Urbana*, onde se podem encontrar elementos para a reflexão e aplicação empírica para o caso brasileiro. Além disto, a obra contém importantes referências bibliográficas internacionais(17). Neste mesmo trabalho pode-se encontrar mais uma referência à consagrada obra de Santos *O Espaço Dividido*, quando Paviani trata a questão do “acesso dado e/ou conquistado” (pelos pobres urbanos). Refere que “o espaço urbano, desigual, contraditório, dividido (em termos de espaço social e econômico) é o mesmo de que nos fala Milton Santos (1979, 30-54) ao tratar dos dois circuitos da economia urbana”, onde se constitui o “circuito inferior”, ou “círculo da pobreza” (Geisse, 1974), facilmente identificável com as favelas ou “espaço conquistado” nos países subdesenvolvidos(18).

No III Encontro Nacional da ANPUR(19), Paviani trata da gestão externa de territórios e os impactos dos grandes projetos, quando faz ilação entre o “o avanço sobre territórios como os do Centro-Oeste e da Amazônia se efetiva (em grandes projetos) sob a lógica da economia mundializada. Segundo Milton Santos, ‘hoje, o que não é mundializado, é condição de mundialização’”, referindo *Metamorfoses do Espaço Habitado* (Santos, 1988, 15). Alerta, ainda apoiado nesta obra que “a queda dos últimos bastiões naturais é ressaltada por Milton Santos em ao menos dois momentos: primeiro,

quando trata da ‘natureza e suas próteses’, destacando a incorporação à natureza de ‘objetos culturais artificiais’ (Santos, 1988, 89)”. E prossegue: “Neste sentido, logicamente, o grande projeto seria uma grande prótese; em segundo lugar, quando salienta estarmos vivendo um ‘período técnico-científico, o que significa existirmos em um meio que não é natural’” ( Santos, 1988, 87). Torna-se oportuno ressaltar que, com a inspiração dada por Milton Santos, Paviani propugna por um uso da ciência e da tecnologia como “instrumentos para a transformação dos territórios, mas consultando os interesses locais e regionais”, ao mesmo tempo em que fustiga o grande projeto que extrai e exaure recursos, “deixando marcas irreversíveis nos territórios, subespaços dominados”.

Em 1992, mantendo preocupações de ordem regional, Paviani comparece à Conferência sobre “A Questão Regional e os Movimentos Sociais no Terceiro Mundo”, da UGI, em São Paulo, com abordando problemas ligados aos “desafios para a regionalização”. Nesta contribuição, Paviani encontra bases para seus argumentos nas seguintes obras de Milton Santos: *O Espaço Dividido*, *O Espaço do Cidadão*, *Metrópole Corporativa Fragmentada: o Caso de São Paulo*, bem como no artigo “A metrópole: modernização, involução e segmentação”(20). Neste artigo, o autor das práticas políticas na gestão de territórios regionais, sob o modelo neoliberal seguido pelas “elites nacionais”, que realizam o que Santos denomina “pactos territoriais”, com “centralismo autoritário” em todas as instâncias administrativas. Adiante propugna por práticas democráticas na gestão dos territórios, salientando o papel da cidadania para as mudanças e transformações necessárias em nosso contexto.

Em “Dinâmica urbana e os desafios da urbanização em Brasília, DF”(21), trata-se da migração e o problema de moradia e de trabalho em Brasília, sob a moldura teórica do período técnico-científico. Aplica-se ao caso de Brasília os argumentos de Milton Santos, segundo os quais “a cidade pode ser tida como o *locus* de investimentos, tal como ocorreu na paulicéia (“A Metrópole Corporativa Fragmentada”). Adiante, assinala-se que “o próprio espaço em que se insere a cidade tende a tornar-se **meio técnico-científico**, dotado de um crescente conteúdo em ciência, técnica e informação e disto resulta uma nova dinâmica territorial, na afirmação de Milton Santos (1991, 7)”. Dai, inferir-se que ciência, técnica e informação acabam por pressionar migrações para os grandes centros, onde “tentou-se coagir os migrantes sem teto que não haviam encontrado um lugar para trabalhar, a encetar um retorno forçado ao lugar de origem (...)”. Com os ensinamentos de Santos, Paviani, ao final, indica a “urgente retomada de ajustes no âmbito da regionalização ou de políticas voltadas aos diversificados meios de retenção de população em suas regiões, sobretudo naquelas áreas expulsoras de população. A retomada de projetos que visem aproveitar as potencialidades locais e regionais afastaria a recessão e o desemprego”.

Ignez Costa Barbosa Ferreira apresenta, ao 4º Simpósio Nacional de Geografia Urbana, uma contribuição(22) em que trabalha o referencial teórico em diversos trabalhos de Milton Santos, em especial o que está em *A Urbanização Brasileira* e em artigos como “Materiais para o estudo da urbanização brasileira no período técnico-científico” e “A aceleração contemporânea: tempo mundo e espaço mundo”. Santos inspira a autora a considerar “a exigência de fluidez faz eliminar fronteiras e obstáculos à circulação do dinheiro e da informação, de forma a permitir que os fluxos hegemônicos corram livremente” e que “em função da competitividade que serão escolhidos os locais onde vão se instalar as atividades de âmbito mundial. ‘Esses lugares são espaços hegemônicos em que se instalam forças que regulam a ação em

outros lugares””, referência de Ferreira ao trabalho de Milton Santos “A aceleração contemporânea: tempo, mundo e espaço mundo”(23). Ferreira prossegue sua análise, argumentando que “trata-se de considerar as condições espaciais (locais) em que o processo social (temporal) ocorre. Admite-se que as condições do lugar sejam suporte para os processos gerais. O lugar representaria o conjunto de oportunidades para o evento ocorrer, atuando de forma não passiva no processo geral de desenvolvimento. ‘O lugar é o encontro entre *possibilidades* latentes e *oportunidades* preexistentes ou criadas. Estas limitam a concretização das ocasiões””, referindo Santos (1994)(24).

#### Referências em dissertações e teses

Dissertando sobre a segregação residencial em Brasília, Neio Lúcio de O. Campos(25) desenvolve sua abordagem teórica explicitando, com apoio em Por Uma Geografia Nova, de Milton Santos, a estruturação do espaço sob uma visão marxista. Trata da questão epistemológica do espaço como categoria analítica que, mais adiante aplica ao caso de Brasília, como por exemplo, as “rugosidades” espaciais, a “inércia dinâmica” dos processos espaciais e a lógica da organização espacial na sociedade capitalista, que se submete ao ritmo da acumulação do Capital. Destaca na dissertação o fato de que Milton Santos não trata diretamente de problemas habitacionais, na obra referida. Todavia, suas reflexões críticas sobre o espaço subsidiam as condições sócio-espaciais onde ocorre o processo de segregação pela moradia. Esta consideração fica mais clara em sua conclusão: “as condições que impulsionam a produção da segregação residencial estão associadas, intrinsecamente, ao conjunto dos processos sociais articulados nestas relações de produção”.

Patrícia Machado Colela, em sua dissertação de mestrado(26), trata da comercialização de habitações populares em diversas localidades de Brasília, inclusive aquelas cedidas em comodato. Faz analogia da comercialização entre moradores pobres e o comércio do circuito inferior, utilizando O Espaço Dividido e Pobreza Urbana, de Milton Santos. Considerações da autora: “É através de uma rede de relações pessoais que se fica sabendo dos imóveis à venda, não há publicidade formal. Esta é uma das características do que Santos chama de circuito inferior da economia”(...). “Características que se aplicam ao caso: no circuito inferior, em que se insere a comercialização de habitações populares, os preços são negociados, o crédito é pessoal, a margem de lucro é pequena, a relação da clientela é direta e personalizada e a publicidade é nula”, conclui Colela.

Em sua tese de doutorado, Rafael Sanzio Araújo dos Anjos(27) utiliza uma definição de Milton Santos: “O espaço é a acumulação desigual dos tempos”, com a sucessão de imagens da obra Pensando o Espaço do Homem em uma superfície ondulada vai assumindo sucessivas feições de povoamento até atingir a de uma aglomeração urbana densa. Utiliza, em diversos pontos da tese, sucessivamente, Metamorfoses do Espaço Habitado e A Urbanização Brasileira, nas quais Milton Santos aborda a especulação imobiliária nas cidades, alguns problemas envolvendo a pesquisa urbana e sobre a necessidade de pensar o futuro da cidade. Aliás, com apoio nestas idéias que Rafael Sanzio trata, já no primeiro capítulo, dos problemas do “planejamento urbano no Distrito Federal”, com siderando o “modelo específico de centro-periferia”, referido por Santos; considera as dificuldades inerentes à dispersão das pesquisas urbanas, com “diversas origens, finalidades, de forma que muitos resultados ficam sem ultrapassar círculos restritos”, sem, todavia, desertar da imperiosa

visão de prospecção. Esta última é uma decorrência do trabalho de mestrado de Araújo dos Anjos e, como não poderia deixar de ser, está inteiramente voltada para o futuro da Capital federal, um belo exemplo de esforço para o resgate das preocupações com planejamento urbano, descartado por muitos geógrafos brasileiros.

### Referências em revistas

Ao analisar a produção do espaço em Brasília, Oliveira chama atenção para o fato que certas políticas habitacionais dos anos 80 aceleraram as migrações, com demandas para “incorporar à cidade praticamente tudo (construí-la, provê-la de infraestrutura e serviços mais variados), além de manter um número suficiente de trabalhadores para tarefas mais humildes. Estes, como ocorre comumente em cidades de países subdesenvolvidos, tornam possível o surgimento daquele tipo de economia urbana que Santos (1979) denominou de ‘circuito inferior’, capaz de incorporar um número extremamente elevado de pessoas, mantê-las e dar-lhes pequenos empregos(28). Aplicando a teoria para o espaço urbano do DF, Oliveira conclui que “como resultado global das políticas adotadas até o momento, Brasília enquanto projeto urbano, fragmentou-se, pois as cidades-satélites terminaram por apresentar identidades próprias. O Guará, por exemplo, é quase uma cidade de classe média; Taguatinga tende a concentrar as atividades industriais e Ceilândia tornou-se um grande reservatório de força-de-trabalho”(29), o que, em outras palavras, significa ter, no DF, o analógico dos “dois circuitos da economia urbana”, tal como preconizado por Milton Santos em sua grande obra.

Aubertin e Peluso, tratando dos lotes semi-urbanizados em Brasília, referem a idéia da oferta de atividades do tipo das que são comuns aos circuito inferior, “como cela samble être la règle dans la plupart des pays sous-développés”, referindo-se à abordagem dos dois circuitos, de Milton Santos(30), e teorizando a este respeito ao descreverem a criação das cidades-satélites e a evolução urbana do Distrito Federal brasileiro.

Analisando as perspectivas para as metrópoles regionais nos anos 90, Paviani volta à temática do “comando externo” destas cidades e propugna por mudanças na gestão do território, sobretudo para que se reduza o centralismo da União, “descentralizando recursos para possibilitar soluções em esferas mais próximas (municipal ou estadual)...”. E continua, “serve de sustentação a este argumento a penetrante análise da ‘Metrópole Corporativa’, realizada por Milton Santos, na qual o ‘poder público é chamado, nos últimos trinta anos, a exercer um papel extremamente ativo na produção da cidade. Seguindo o movimento geral do sistema capitalista que consagra concentrações centralizações, a capital concorrencial cede lugar à cidade do capital monopolista e oligopolista””. Conclui Santos que, se tem, no caso das cidades maiores de um país, verdadeiras metrópoles corporativas ..., voltadas essencialmente à solução dos problemas das grandes firmas e considerando os demais como questões residuais(31). Para se contrapor, justamente, às forças do capital, Paviani conclui que “as metrópoles regionais, a dinâmica urbana com seu processo de mudança e a atividade de planejamento vão depender do esforço social para conquistar espaço participativo”.

Milton Santos tem inspirado alguns autores quanto a epistemologia das ciências, sobretudo no que se refere ao período por ele classificado de “técnico-científico e informacional”. Sobre este aspecto, Paviani, ao tratar do planejamento regional em bases interdisciplinares, ressalta que “cada vez mais a ciência é imprescindível à

tecnologia e vice-versa, numa inter-relação própria do ‘período técnico científico’... sendo este período, segundo Santos (1985, p. 37) coincidente “com o desenvolvimento da ciência das técnicas, isto é, da tecnologia, e, desse modo, com a possibilidade de aplicar a ciência ao processo produtivo”... sendo evidente que “se aplica ciência ao processo de produção do espaço, sendo importante que os praticantes da ciência do espaço (os ‘espaçólogos’, a que se referem Santos e Souza, 1986, p. 3), se dêem conta de sua fragilidade, quando atuam isoladamente”. Com estes argumentos, Paviani passa a defender a atuação das equipes de planejamento em bases interdisciplinares, isto é, “os saberes especializados postos em relação, cérebro-a-cérebro...”, tal como propõem Santos e Souza: “o conhecimento do espaço supõe um trabalho coletivo, no qual tomam parte diversos especialistas”(32).

Mudança ou transformação na cidade, foi a temática para uma abordagem teórico-empírica da urbanização em Brasília, na qual Paviani trata de problemáticas intra-urbanas sob o foco da teorização de Santos sobre o “período técnico-científico e informacional”(33). Levanta o problema do acesso dado e do acesso conquistado por parte dos “periferizados urbanos”, aos quais para Milton Santos se sonegou a cidadania, pois é costumeiramente tratado como “usuário” ou “consumidor”. Estas formulações teóricas servem, mais adiante, para o estudo dos problemas emergentes na evolução da metrópole de Brasília.

Ainda a respeito do “período técnico-científico”, Paviani teoriza sobre emprego e “lacunas de trabalho” sob a influência da ideologia do lucro e da poupança da força de trabalho humano. A obra referida é Espaço e Método, de 1985 e um artigo sobre o período técnico-científico e os estudos geográficos que Milton Santos apresentou no Seminário Interamericano sobre Ensino dos Estudos Sociais, realizado em Washington, em 1986. Atribui-se a supressão de postos de trabalho e a não criação de novos “às facilidades que a eletrônica está possibilitando” e a “atuação das empresas privadas ao maximizar a lucratividade com a supressão de lugares de trabalho humano”, tal como preconiza Milton Santos nas referências indicadas(34).



## NOTAS

- (1) Trabalho apresentado no 6º Encontro de Geógrafos da América Latina. Buenos Aires, março de 1997.
- (2) Paviani, A (1996). “Brasília em Milton Santos”. Seminário Internacional O MUNDO DO CIDADÃO - O CIDADÃO DO MUNDO. Universidade de São Paulo, outubro de 1996.
- (3) Vesentini, J. W. (1986). A Capital da Geopolítica. São Paulo, Ed. Ática, pp. 10 e 34.
- (4) Ferreira, I. C. B. (1985). “O processo de urbanização e a produção do espaço metropolitano em Brasília” In Paviani, A (org.). Brasília, Ideologia e Realidade - Espaço Urbano em Questão. São Paulo, Ed. Projeto/CNPq, pp. 45 e 48 e, na mesma obra, Paviani, A, “A metrópole terciária”, pp. 57 e 74.
- (5) Bertone, L. F. (1987). “O Estado e a urbanização no DF”. In Paviani, A, (org.) Urbanização e Metropolização - A Gestão dos Conflitos em Brasília. Brasília, Ed. UnB/CODEPLAN, pp. 51 a 71.
- (6) Paviani, A, (1989) Brasília - A Metrópole em Crise - Ensaio sobre Urbanização. Brasília, Ed. UnB, pp. 29, 44, 48, 51 e 60.
- (7) Realizado no Departamento de Geografia da USP, em março de 1985.
- (8) Paviani, A, (org.) (1991) A Conquista da Cidade - Movimentos Populares em Brasília. Brasília, Ed. UnB, p. 118.
- (9) Ver Paviani, A, (1990). “Perspectivas para as metrópoles regionais: algumas considerações sobre migrações e lacunas de trabalho nos anos 90”. In Ribeiro, C. T. e Machado, D. B. P. (orgs.) Metropolização e Rede Urbana - Perspectivas para os anos 90. Rio de Janeiro, IPPUR/UFRJ, pp. 61 a 74.
- (10) Ferreira, I. C. B. (1990) “Inovações tecnológicas e novos espaços da produção”. In Anais do X Encontro Nacional de Geografia Agrária. Rio de Janeiro, UFRJ, Vol. II, pp. 70 a 72.
- (11) Paviani, A, e Pires, N. de P. (1993). “Apropriação de recursos e a gestão externa de territórios: novas configurações e mapeamentos”. In Santos, M. et alii (orgs.). O Novo Mapa do Mundo - Fim de Século e Globalização. São Paulo, Hucitec/ANPUR, pp. 119 a 128.
- (12) Ferreira, I. C. B. (1983). “O período técnico-científico e a organização do espaço”. In Simpósio Teoria e Ensino da Geografia. Belo Horizonte, UFMG, pp. 49 a 58.
- (13) Paviani, A, (1994). “A lógica da periferação em áreas metropolitanas”. In Santos, M. et alii (orgs.). Território - Globalização e Fragmentação. São PAULO, Hucitec/ANPUR, p. 184.
- (14) Idem, p. 185.
- (15) Paviani, A, (1994). “O planejamento urbano hoje no Brasil: principais questões”. In Gmünder e Silva (orgs.). Novas Estratégias de Planejamento em Salvador. Salvador, Instituto Goethe/ICBA, p. 63.
- (16) Idem, p. 64.
- (17) Ver Santos, M. (1978). Pobreza Urbana. São Paulo, Hucitec/MDU/CNPU.
- (18) Os Anais do Encontro dos Geógrafos da América Latina encontram-se no vol. 16-17, nºs 31-34 do Boletim e Geografia Teórica, Rio Claro. O artigo referido, encontra-se ‘ap. 217: “Processo de periferação e pobreza urbana: uma abordagem”.

(19) Ver contribuição de Paviani, A, (1989) “Impactos de grandes projetos e a gestão externa do território”. Anais do III ENANPUR. Águas de São Pedro, maio de 1989, p. 80 a 87.

(20) Ver Santos, M. (1979). O Espaço Dividido. Os Dois Circuitos da Economia nos Países Subdesenvolvidos. Rio de Janeiro, Livr. Francisco Alves Ed.; Santos, M. (1987). O Espaço do Cidadão. São Paulo, NOBEL, Santos, M. (1990a ) “A metrópole: modernização, involução e segmentação”. In Valladares e Preteceille (orgs.). Reestruturação Urbana - Tendências e Desafios. São Paulo, NOBEL/IUPERJ e Santos, M. (1990b.). Metrópole Corporativa Fragmentada: o Caso de São Paulo. São Paulo, NOBEL.

(21) Paviani, A, (1993). “Dinâmica urbana e os desafios da urbanização em Brasília, DF”. In Ferrer, O, e Guillén C. (orgs.). Población y Dinamica Espacial Urbano-Rural. Mérida. Anais do Encontro de Geógrafos da América Latina. Vol. 5, pp. 133 a 140.

(22) Ferreira, I. C. B. (1995). “O lugar e as novas formas de interação sócio-espacial”. In AGB Anais do 4º Simpósio Nacional de Geografia Urbana. Fortaleza, pp.14 a 20.

(23) Ver Santos, M. (1993). “A aceleração contemporânea... In Santos *et alii* (orgs.). Fim de Século e Globalização. São Paulo, Hucitec, referido por Ferreira, pp. 15 e 16.

(24) Santos, M. (1994). Técnica, Espaço, Tempo - Globalização e Meio Técnico-Científico e Informacional. São Paulo, Hucitec, referido por Ferreira, *op. cit.*, p. 18.

(25) Campos, N. L. de O, (1988). Produção da Segregação Residencial em Cidade Planejada. Brasília (Dissertação, mimeo), pp. 37, 38 e 121.

(26) Colela, P. M.. M. (1991). O que não Mudou na Habitação Popular: dos cortiços à Comercialização de moradias em Brasília. Brasília (Dissertação, mimeo), pp. 130 e 134.

(27) Anjos, R. S. A, dos (1995). Modelagem dos Processos Espaciais Formadores da Dinâmica Urbana no Distrito Federal do Brasil. São Paulo, (Tese, mimeo), pp. iv, 11, 23 e 28.

(28) Oliveira, M. L. P. (1993). “Políticas de produção do espaço habitacional urbano de Brasília”. GEOSUL, Florianópolis, VII (15): 27-39.

(29) Idem, *op. cit.* P. 36.

(30) Aubertin, C. e Peluso, M. L.. (1990). “Du symbole au lot semi-urbanisé. Les politiques de l’habitat dans le District Fédéral (Brasília, DF). Cahiers de Sciences Humaines, Paris, 26 (4): 731 a 747.

(31) Paviani, A, (1993) referindo A Metrôpole Corporativa, de Santos, M. (1988, 246), em artigo sobre “Perspectivas para as metrópoles regionais - Algumas considerações sobre migrações e lacunas de trabalho nos anos 90”. GEOSUL, Florianópolis, VII (15): 19 a 26.

(32) Ver Paviani, A, (1989). “Reorganização regional e a interdisciplinaridade: desafios para os anos 90”. GEOSUL, Florianópolis, IV (8): 17 a 19, onde são referidos: Santos, M. (1985). Espaço e Método. São Paulo, NOBEL.

(33) Paviani, A, (1994). ”Mudança ou transformação na cidade: uma abordagem preliminar”. GEOSUL, Florianópolis, IX (17): 27 a 40.

(34) Paviani, A, (1992). Emprego e ‘lacunas de trabalho’ em Brasília. In Timm, P. e Dominici, M. C. (orgs.). Cadernos da CODEPLAN 2 - Brasília: uma Economia Forte num Meio Frágil. Brasília. 2: 79 a 85.